

LARS KEPLER

# O HOMEM DA AREIA

Tradução de Ana Diniz

*É noite. A neve cai, soprada pelo vento do mar. Na ponte ferroviária caminha um rapaz, na direção de Estocolmo. Tem o rosto lívido, da cor do vidro fosco. As calças de ganga estão endurecidas pelo sangue que gelou. Caminha entre os carris, pisando as travessas. Cinquenta metros abaixo dele, adivinham-se as águas geladas da baía, como tiras de pano branco. As árvores cobertas de neve e os tanques de armazenagem de petróleo do porto quase não se distinguem. Lá em baixo, a neve volteia furiosamente no feixe de luz de um guindaste.*

*O sangue escorre, quente, pelo braço esquerdo do rapaz, desce-lhe pela mão e pinga das pontas dos dedos.*

*A ponte, com dois quilómetros de comprimento, começa a vibrar. Um comboio aproxima-se, atravessando a noite com um silvo.*

*O rapaz vacila, senta-se no carril, mas levanta-se e continua a andar.*

*O comboio agita o ar na sua frente. A visão é toldada pela neblina branca da neve. A locomotiva Traxx já está a meio da ponte quando o maquinista distingue uma pessoa na linha. Apita e vê o vulto desequilibrar-se, dar um passo grande para a esquerda, atravessar para a linha de sentido oposto e agarrar-se ao peitoril.*

*As roupas esvoaçam-lhe em volta do corpo, a ponte abana sob os pés dele. O rapaz fica parado, com os olhos muito abertos, a mão apertando as grades.*

*Tudo em volta dele é um remoinho de neve e um abismo de escuridão.*

*O sangue gelado já lhe cola a mão ao gradeamento quando ele  
recomeça a andar.*

*Chama-se Mikael Kohler-Frost. Desapareceu há treze anos, e há  
sete foi oficialmente declarado morto.*

# 1

## *Unidade de Alta Segurança, Psiquiatria Forense Hospital Löwenström*

O portão de aço fecha-se atrás do novo médico com um som pesado. O eco metálico corre à frente dele, descendo a escada de caracol.

Anders Rönn sente um arrepio, no silêncio total que se instala em seguida.

Anders começa hoje a trabalhar na unidade de alta segurança da secção de psiquiatria forense do hospital.

Neste *bunker* rigorosamente isolado encontra-se detido, há treze anos, o velho Jurek Walter, condenado a uma pena de prisão em regime psiquiátrico, com alta condicionada a apreciação judicial.

O jovem médico pouco mais conhece do seu paciente do que o diagnóstico de «esquizofrenia não especificada; pensamento caótico; episódios psicóticos agudos recorrentes, com comportamentos bizarros e muito violentos».

Anders Rönn identifica-se no piso zero, entrega o telemóvel e pendura a chave do portão gradeado no armário das chaves. A guarda abre a primeira das duas portas do compartimento de segurança. Ele entra, espera que a porta se feche atrás de si e aproxima-se da porta seguinte. Ouve-se um sinal, e a guarda abre a segunda porta. Anders volta-se e acena-lhe antes de seguir pelo corredor até à sala do pessoal da secção de isolamento.

O médico-chefe Roland Brolin é um homem forte, com os seus cinquenta anos, de ombros curvados e cabelo à escovinha. Está de

pé, por baixo do ventilador na copa, a fumar e a folhear um artigo sobre a diferença salarial entre homens e mulheres no jornal do sindicato dos trabalhadores da saúde.

– O Jurek Walter nunca pode estar só com um membro do pessoal – diz Brolin. – Não pode cruzar-se com outros pacientes, não pode receber visitas e não pode ir ao jardim. Também não pode...

– Nunca? Penso que não é permitido enclausurar...

– Pois não – diz Roland Brolin, sem rodeios.

– O que é que ele fez, afinal?

– Só boas ações – responde Brolin, dirigindo-se para o corredor.

Embora Jurek Walter seja o pior assassino em série de toda a história da Suécia, permanece desconhecido do público. As audiências judiciais na primeira instância, bem como as de segunda instância, no Palácio Wrangler, foram realizadas à porta fechada, e todos os documentos do processo foram mantidos confidenciais.

Anders Rönn e o médico-chefe, Roland Brolin, passam uma nova porta de segurança, e uma mulher jovem, com os braços tatuados e *piercings* na cara, pisca-lhes o olho.

– Voltem vivos – diz-lhes.

– Não fique preocupado – diz Brolin a Anders, baixando a voz.

– O Jurek Walter é um homem de idade e é calmo. Não briga, não levanta a voz. A regra principal é nunca, mas nunca entrar na cela dele. A questão é que o Leffe, que esteve de turno esta noite, observou que ele fabricou uma faca e a escondeu debaixo do colchão, e temos absolutamente de a confiscar.

– Como? – pergunta Anders.

– Violamos as regras.

– Entramos na cela dele?

– Entra você... E pede-lhe delicadamente que lhe entregue a faca.

– Tenho de entrar...?

Roland Brolin dá uma gargalhada. Explica que o que vão fazer é fingir que lhe dão a habitual injeção de *Risperdal*, mas na verdade dão-lhe uma sobredose de *Zypadhera*.

Roland passa o cartão num novo leitor e digita um código. Ouve-se um apito e em seguida o zumbido da fechadura de segurança.

– Espere – diz Roland, estendendo-lhe uma caixinha com tampões amarelos para os ouvidos.

– Não disse que ele não gritava?

Roland esboça um meio sorriso débil com os olhos cansados, suspira profundamente e explica:

– O Jurek Walter vai falar consigo muito calmamente, num tom agradável, decerto – diz ele, numa voz grave. – Mas, ao fim do dia, quando você for a caminho de casa, vai passar de repente para a faixa contrária e atirar-se para a frente de um camião... Ou então passa pela Järnia e compra um machado antes de ir buscar as crianças ao infantário.

– Isso é para eu ter medo? – pergunta Anders, sorrindo.

– Não, mas tenho esperança de que o torne prudente.

Anders não é uma pessoa de sorte, mas quando leu, no *Jornal do Médico*, o anúncio de um lugar de substituição, com horário completo, na unidade de alta segurança do Hospital Löwenström, o coração dele alvoroçou-se.

Está a vinte minutos de casa, e o lugar interino pode tornar-se efetivo.

Depois de exercer medicina geral no Hospital de Skaraborg e num centro de saúde em Huddinge, teve de se contentar com lugares de substituição na clínica regional do Hospital Sankt Sigfrid.

As longas viagens para Växjö e os horários irregulares não combinavam bem com o trabalho de Petra na Direção de Desportos e Lazer e com a síndrome autista de Agnes.

Ainda há duas semanas, Anders e Petra estavam sentados à mesa da cozinha tentando encontrar uma solução.

– Não podemos continuar assim – disse ele.

– O que é que havemos de fazer? – perguntou Petra, num fio de voz.

– Não sei – respondeu ele, limpando-lhe as lágrimas da face.

A educadora de Agnes na escola dissera-lhes que ela tinha tido um dia difícil. Recusara-se a devolver o copo do leite, e as outras crianças tinham rido. Agnes não aceitara que o lanche tivesse terminado, porque Anders ainda não tinha chegado para a levar, como era costume àquela hora. Anders viera diretamente de Växjö, mas

só chegara à escola às seis da tarde. Agnes tinha ficado na sala de refeições, segurando o copo do leite.

Quando chegaram a casa, Agnes ficara de pé no quarto, a olhar para um ponto da parede ao lado da casinha de bonecas e a bater palmas devagar, introvertidamente. Petra e Anders não sabem o que ela vê ali, mas Agnes diz que aparecem pauzinhos cinzentos e que ela tem de os contar e tirar. Faz isto quando está muito angustiada. Às vezes, dez minutos são o suficiente, mas nessa noite ficou quatro horas naquela posição antes que eles conseguissem deitá-la.